

Alma sacerdotal, Alma de Cristo

Todas as manhãs, no início do dia, podemos dizer ao Senhor que queremos que o dia também seja para ele, que lhe oferecemos nossas vidas, nossos corações, nosso trabalho... Esta oferta é possível porque cada cristão tem uma alma sacerdotal.

19/01/2012

Uma das perguntas daquele catecismo que em alguns lugares servia para preparar as crianças para

a Primeira Comunhão era: para que Deus fez os homens? A resposta era simples e fácil de memorizar: "Deus criou os homens para que O amemos e obedeçamos na terra e sejamos felizes com Ele no céu".

Aí está a essência do nosso destino na terra. O *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* atual explicita, porém, um aspecto importante: "o homem foi criado para conhecer, servir e amar a Deus, para lhe oferecer neste mundo toda a criação em ação de graças e para ser elevado à vida com Deus no céu" (1).

Pertence, na verdade, ao sentido geral da criação do homem, ao seu chamado à existência, o dirigir a Deus toda sua atividade e oferecer toda a criação em ação de graças. De certo modo, uma vez que Deus a associou à sua obra criadora, toda a atividade humana deve ter por objetivo cooperar e refletir a

bondade e a beleza da ação de Deus. «Criado à imagem de Deus, o homem recebeu o mandato de governar o mundo em justiça e santidade, submetendo a si a terra e o que ela contém, e orientar a própria pessoa e o universo inteiro para Deus, reconhecendo Deus como o criador de tudo»(2).

Mas, após o pecado original, essa tarefa de colaboração com o projeto divino encontrou um obstáculo intransponível: a falta de retidão do coração do homem. Como narra a Bíblia, ao invés de cooperar com Deus na construção do cosmos, estávamos comunicando-lhe nossa própria desordem, estávamos construindo um mundo egoísta. Então, por sua grande misericórdia, Deus enviou seu Filho para recolocar novamente na criação a retidão de vida, a justiça de coração, as palavras e ações que Lhe agradaram realmente. E nós, os cristãos fomos

associados a essa obra de redenção prevista por Deus eternamente. O sacrifício e a graça de Cristo nos devolveram para Deus e fizeram possível que nossas obras pudessem cooperar na salvação das criaturas.

O espírito do Opus Dei enfatiza essa chamada a cooperar com Cristo no trabalho criador e redentor. Além disso, propõe um caminho específico: realizar com perfeição o trabalho de todos os dias, o trabalho ordinário, a vida familiar, as relações sociais. Oferecer a Deus o ordinário de cada dia, a vida corrente, até chegar a reconhecer Sua presença em mil pequenos detalhes.

Isso exige uma disposição interior profunda: o desejo sobrenatural de servir a Deus no que fazemos, de levar a Ele as pessoas com quem nos relacionamos, de glorificá-Lo e, para isso, de livrar-nos das misérias que têm as suas raízes no pecado. É como

um sedimento que a ação do Espírito Santo vai deixando gradualmente na alma com a nossa correspondência; uma *maneira de ser* que procede de Cristo e nos liga ao seu Sacerdócio.

A alma sacerdotal é característica de todos os cristãos, pois, pelo Batismo, ***nós somos constituídos sacerdotes da nossa própria existência (...), para fazer cada uma das nossas ações no espírito de obediência à vontade de Deus*** (3). Por conseguinte, todas as manhãs, no início do dia, dizemos ao Senhor que queremos que o novo dia seja também para Ele, oferecemos-Lhe nossas vidas, nossos corações, nosso trabalho, todo o nosso ser.

ESTABELECIDA NA GRAÇA

Podemos agradar a Deus e fazer com que nossas obras reflitam a caridade e a bondade divinas, não em virtude do nosso mérito, mas pela graça de Cristo que nos torna justos por

dentro. Porque, como disse São Paulo, **o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado** (4).

Por esse motivo, a alma sacerdotal nasce do alto (5), da nossa condição de filhos de Deus: estende no cristão a vida de Cristo, eterno sacerdote. Atuar com alma sacerdotal exigirá superar-se com frequência e exceder os limites de dedicação e do esforço que parecem razoáveis; exigirá ignorar ou resolver dificuldades causadas pela natureza ou pelas circunstâncias, porque vemos que algo convém para a glória de Deus ou o bem do nosso próximo; exigirá encontrar o tempo necessário para fazer o bem, ou superar o medo de não ser capaz de fazê-lo.

Temos de exercitar-nos diariamente nesse ponto, procurando obter pequenos êxitos, expandindo a

generosidade com algum pormenor, evitando desânimos ao verificar que não pudemos ou não conseguimos; é assim que poderemos dar uma base cada vez mais profunda à nossa vida interior. A nossa generosidade e a nossa correspondência nunca nos parecerão suficientes se olharmos para esse objetivo que está sempre além: se olharmos no espelho da vida de Jesus.

A alma sacerdotal de Cristo é bem apresentada na breve declaração sobre o significado da sua vinda: **o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos** (6). É como se, nestas palavras, Jesus tivesse querido expressar a sua disponibilidade de exceder todo limite a fim de livrar muitos dos pecados e dar-lhes vida, para que o Pai seja glorificado com a salvação dessas pessoas.

Nesta terra, fora Jesus, a única pessoa de que podemos ter certeza de não ter nunca dito “basta” é a Virgem, guiada pelo seu desejo de ser em todas as circunstâncias a serva do Senhor. Ela acompanhou Jesus crucificado mais do que nenhuma outra pessoa, e o Senhor a associou ao seu sacerdócio de um modo especialíssimo e superior ao dos outros homens.

Santa Maria pôde exercer a alma sacerdotal com tal perfeição pela sua particular plenitude da graça do Espírito Santo. Não podemos, portanto, contemplar seu exemplo com visão meramente humana: inundar-se-ia nossa imaginação com a dificuldade que tanta renúncia e sacrifício supõem; julgaríamos que esse caminho é impossível para nós e nos conformaríamos com buscar, consciente ou inconscientemente, caminhos mais confortáveis.

A liturgia da Igreja disse do Espírito Santo – **que nos foi dado** – que é o «Pai dos pobres, Doador de dons, Luz dos corações» (7). Se formos fiéis e confiarmos nEle, obteremos também todos seus dons: «o prêmio da virtude, a realidade da salvação, a alegria perene» (8). E, assim, encher-nos-ão de alegria todas as ocasiões de exercitar a alma sacerdotal.

Precisamente quando custar, sentiremos inexplicavelmente uma alegria maior, que procede de dentro, dessa **fonte de água que salta até a vida eterna** (9).

COMMUNICATIO CHRISTI

Tenhais entre vós, diz são Paulo, **os mesmos sentimentos que teve Jesus Cristo** (10). O Evangelho deixa-nos ver frequentemente muito dos desejos e do modo de pensar do Senhor. Percebe-se que o primeiro lugar de sua alma é sempre para Deus Pai: consome-lhe o desejo de

fazer o que pede que o Pai, devorasse o zelo pela casa de Deus... Um zelo que se manifestou quando sentiu no Templo a imperiosa necessidade de ocupar-se das coisas de seu Pai. Anos mais tarde, afirmaria que essa Vontade era a substância do seu viver, seu alimento, e que sentia verdadeiras ânsias de ver cumprido o plano divino (11).

Empurrado por este desejo, Nosso Senhor Jesus desejava profundamente a conversão dos homens, que se abrissem ao amor de Deus, à caridade uns com os outros. Podia descobrir nos corações essa sede de felicidade, acorrentada muitas vezes pelas correntes do pecado: Zaqueu, a samaritana, a adúltera, são testemunhos eloquentes.

As necessidades humanas, a indigência e a dor comoviam

profundamente seu Coração amabilíssimo. A ressurreição de seu amigo Lázaro, da filha de Jairo – um dos chefes da sinagoga –, do filho da viúva da Naim; a miséria daqueles leprosos, do cego de nascimento, da hemorroíssa enferma e arruinada.

Cristo apreciava a pureza do coração das crianças, a humildade da cananeia, a nobreza de seus discípulos. Sentia profundamente a amizade dos seus, a alegria de vê-los crescer na fé e de compartilhar seus afãs. **Vós sois, disse-lhes: os que ficaram ao meu lado nas minhas tribulações...** (12). Doer-Lhe-ia profundamente a traição de Judas, a apostasia daqueles que o abandonariam, a perseguição de seus inimigos. Jesus chorou ante o destino duro que Lhe aguardava em Jerusalém.

A alma de Cristo atrai-nos porque nela encontramos as principais

manifestações da alma sacerdotal que todo cristão deve possuir, participação daquela vontade de Redenção que levou Jesus morrer por nós na Cruz. A alma sacerdotal leva a cumprir, em todo momento, a Vontade divina, oferecendo-se a Deus Pai, em união com Cristo, graças ao Espírito Santo; é ter, no nosso coração, sentimentos que o Espírito Santo deposita, que é, como dizia Santo Irineu, *communicatio Christi*, comunicação de Jesus, transmissão da sua intimidade, dos seus pensamentos e afãs que se fazem cada vez mais nosso. «A Igreja é morada do Espírito Santo, quer dizer, a comunicação de Cristo» (13).

Na oração, fomentamos nossos desejos de que isso aconteça. Com frequência, ajudar-nos-á a leitura do Evangelho, colocando empenho em ser um personagem a mais em cada cena e fixarmo-nos em Jesus, no que Ele quer nos comunicar, no que leva

em seu coração. Ainda que talvez tenhamos de começar dizendo-Lhe que estamos com poucas idéias, ou frios, ou insensíveis..., ou rogando-Lhe que nos conceda ao menos aqueles ***desejos de ter desejos*** de santidade, que São Josemaria insistia em pedir. Se o fizermos com humildade, é certo que estamos solicitando o melhor, o Senhor terá compaixão de nossa pobreza, premiará nossa fé e realizará milagres em nós: seu poder divino, que transformou a vida dos personagens que aparecem no Evangelho, imprimirá em nossa alma Seus sentimentos redentores.

E assim, olhando o mundo, as pessoas, a nossa vida, com os olhos que Cristo nos concede, vamos pedir-Lhe humildemente que nos ajude a acertar, a fazer o que Lhe agrada, a servir-Lhe nas tarefas que nos ocupam, a levar-Lhe as pessoas que

nos rodeiam sem medo de desgastarmo-nos.

Nos momentos de oração – e sempre em nossa vida – voltemos nossos olhos para Maria, nossa Mãe, e lhe peçamos que estas ambições santas cresçam impetuosamente no coração de todos os cristãos, que nos deixemos transformar pela Alma de Cristo para chegar, assim, a ser verdadeiramente **conforme à imagem de seu filho, afim de que ele seja primogênito entre muitos irmãos** (14).

R. Ducay

* * *

1. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 67.

2. Conc. Vaticano II, Const. Past. *Gaudium et Spes*, n. 31.

3. São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 96.
 4. *Rm* 5, 5.
 5. Cfr. *Jn* 3, 3.5.
 6. *Mc* 10, 45.
 7. Sequência *Veni Sancte Spiritus*.
 8. *Ibid.*
 9. *Jn* 4, 14.
 10. *Flp* 2, 5.
 11. Cfr. *Jn* 4, 34; *Lc* 12, 49-50.
 12. *Lc* 22, 28.
 13. Santo Irineu de Lyon, *Adversus haereses*, III, 24, 1.
 14. *Rm* 8, 29.
-

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/editorial-alma-
sacerdotal-alma-de-cristo/](https://opusdei.org/pt-br/article/editorial-alma-sacerdotal-alma-de-cristo/) (28/03/2025)